UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

ALCIONE DA SILVA CASTRO

A BIBLIOTECA DE JANE AUSTEN

BRASÍLIA

2016

ALCIONE DA SILVA CASTRO

A BIBLIOTECA DE JANE AUSTEN

Monografia apresentada na disciplina Monografia em Literatura como requisito para obtenção do título de Bacharel em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura pela Universidade de Brasília.

Orientador: PROFA. DRA. CÍNTIA CARLA MOREIRA SCHWANTES

BRASÍLIA

2016

Dedico este trabalho a pessoa que
sempre me mostrou a importância dos estudos
e sempre me apoiou em tudo o que fiz: minha
mãe.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida e por mais esta conquista.

À minha mãe, por acreditar que eu fosse capaz.

À minha irmã Aline, por seu apoio moral.

Aos amigos do trabalho, do NOF e da Sala AIS, pelas trocas de serviço que me possibilitaram concluir o curso. Principalmente à Duda, que foi quem insistiu tanto para que eu fizesse o vestibular e que me acompanha nessa luta desde então, e à Diene que sempre me fazia ver o lado positivo quando eu pensava em desistir.

Às amigas que a UnB me deu. Um especial para a Camilla, minha companheira de orientação, que teve bastante paciência comigo ao longo do semestre.

À Prof. Dr. Cíntia por toda calma e serenidade.

“I wish, as well as everybody else, to
be perfectly happy”.

Sense and Sensibility, Jane Austen

RESUMO

Jane Austen é uma das escritoras inglesas mais conhecidas. Suas obras foram capazes de ir além de seu tempo e perdurar até os dias de hoje, sendo também adaptadas em diversos formatos. Deste modo, é possível notar toda sua influência. Mas quem a influenciou? O objetivo desse trabalho é identificar como alguns autores fizeram parte de sua formação como escritora. Para isso, foi feita uma pesquisa bibliográfica, analisando suas influências em obras como *Northanger Abbey* e *Pride and Prejudice*, assim como algumas referências a autores encontradas em suas cartas.

Palavras-chave: Jane Austen; influências; leitura.

ABSTRACT

Jane Austen is one of the most known English authors. Her works were capable of going much further than her own time and persisting until our days, also being adapted in several formats. Thus, it is possible to perceive all of her influence. But who has influenced her? The goal of this work is to identify how some authors could be part in her formation as a writer. For such, a bibliographical research was made, analyzing the influences in such novels as *Northanger Abbey* and *Pride and Prejudice*, as well as some references to authors found in her letters.

Keywords: Jane Austen; influences; reading.

Sumário

1. Introdução.....8

2. Jane Austen: Vida e Referências Literárias..... 9
   2.1. Biografia..... 10
   2.2. Referências Literárias 11

3. O Romance Gótico.....13
   3.1. Ann Radcliffe.....13
   3.2. Northanger Abbey……...14

4. Reconstruindo o Herói……16
   4.1. Richardson……...16
   4.2. Fanny Burney……..…17
   4.3. Orgulho e Preconceito.....17

5. Outros Autores Relevantes.....22

6. Considerações Finais.....23

7. Referências Bibliográficas.....24

1. Introdução

A Literatura Inglesa é toda aquela escrita em inglês, independentemente do país de origem (BURGESS, p.17). Teve seu início no século V e apresentou importantes nomes para a literatura desde então, como Shakespeare, Pope, Charles Dickens, Jane Austen, entre outros.

Jane Austen foi uma das mais importantes escritoras para a Literatura Inglesa. Considerada por Burgess como uma das principais romancistas do século XVIII, seus romances são bastante lidos ainda hoje, depois de mais de 200 anos da morte da escritora. Para Burgess, o fato de os romances de Jane tratarem, não dos movimentos históricos da época, mas sim das pessoas, faz com que ela tenha êxito nas representações das situações humanas, “no delineamento de personagens que são efetivamente criaturas vivas, com defeitos e virtudes, tal como na vida real" (p. 209). E, tendo Jane Austen criado personagens opostas aos "tipos" dos romances vitorianos, "ela se mostra mais próxima de nossa época do que qualquer outro romancista desse período" (p. 209). Mas o que a inspirou a criar tais personagens e histórias tão diferentes de seus contemporâneos?

O objetivo deste trabalho é investigar como a Jane Austen leitora foi importante para o surgimento da Jane Austen escritora.

A pesquisa está organizada da seguinte maneira: no primeiro capítulo tem-se um resumo da vida da Austen, com os principais acontecimentos que a tornaram a escritora como é conhecida até hoje, e traz alguns trechos das cartas escritas por Austen que contêm alusões a escritores e romances lidos por ela. O segundo capítulo aborda as principais características do romance gótico, apresentando uma de suas principais escritoras, Ann Radcliffe e analisando como sua obra, *The Mysteries of Udolpho,* ecoa em *Northanger Abbey*. O terceiro capítulo traz os dois autores que mais frequentemente são apontados como influenciadores de Jane Auten e a proximidade dos seus romances com a mais aclamada obra da autora, *Pride and Prejudice*. O quarto capítulo apresenta uma visão geral de outros autores também importantes para a formação de Austen como escritora.

2. Jane Austen: Vida e Referências Literárias

2.1. Biografia

Filha do Reverendo George Austen e de Cassandra Leigh Austen, Jane Austen nasceu em Steventon no dia 16 de dezembro de 1775. Sétima de oito irmãos, Austen tinha muita proximidade com sua irmã mais velha, Cassandra. Seus outros irmãos, todos homens, eram, por ordem de nascimento: James, George, Edward, Henry, Francis e Charles. Dentre eles, ela era mais próxima de Henry.

Em 1783, ela foi estudar em Oxford com sua irmã Cassandra, mas esse foi um período curto pois ambas contraíram febre tifoide. Voltando para casa, sua educação continuou com os conhecimentos que o pai e os irmãos lhes passavam e com a vasta biblioteca da família.

Era comum a família fazer representações de peças conhecidas ou de suas próprias criações, o que provavelmente estimulou o talento de Jane, que cedo começou a escrever pequenas histórias, poemas e paródias, os quais mais tarde foram reunidos em sua *Juvenilia*.

Subsequentemente, as irmãs foram enviadas à escola Reading Ladies' Boarding School no período de 1785 a 1786.

Em 1795, um sobrinho de vizinhos próximos passou a frequentar Steventon. Tom Lefroy era um estudante de direito e é apontado como a paixão da escritora. Os dois passavam muito tempo juntos e há indícios em cartas escritas por ela para sua irmã de que um romance entre os dois realmente aconteceu:

> "Tell Mary that I make over Mr. Heartley and all his estate to her for her sole use and benefit in future, and not only him, but all my other admirers into the bargain wherever she can find them, even the kiss which C. Powlett wanted to give me, as I mean to confine myself in future to Mr. Tom Lefroy, for whom I do not care sixpence. Assure her also, as a last and indisputable proof of Warren's indifference to me, that he actually drew that gentleman's picture for me, and delivered it to me without a sigh. Friday. -- At length the day is come on which I am to flirt my last with Tom Lefroy, and when you receive this it will be over. My tears flow at the melancholy idea." (Jane Austen's Letters, 1995, In: pemberley.com)

Tendo concluído a educação formal, as irmãs voltam para casa e Jane retoma a escritura de *Elinor and Marianne*, terminando em 1798, após o que começa a escrever *First Impressions*, concluindo seu rascunho em 1799. Os livros seriam publicados mais tarde sob os títulos *Sense and Sensibility* e *Pride and Prejudice*, respectivamente.

Estando Mr. Austen sempre em apoio ao talento da filha, o reverendo levou um de seus trabalhos para Thomas Cadell, um editor renomado em Londres. Cadell rejeitou o trabalho da escritora sem sequer vê-lo.

Em 1800, Mr. Austen anunciou sua aposentadoria do posto de clérigo e a família mudou-se para Bath. O cenário da cidade balneária, a vizinhança, os trajetos das constantes viagens para Londres ajudaram Austen a compor os ambientes de seus romances. Da mesma forma, o seu círculo familiar e de amizade serviram de base para a criação e caracterização de seus personagens.

Sabe-se que em 1802 ela recebeu uma proposta de casamento de Mr. Bigg Whiter, um amigo de infância da família, enquanto Cassandra e ela estavam na casa da família dele em Manydown, perto de Steventon. Jane Austen aceitou a proposta, porém no dia seguinte voltou para Bath com a irmã.

Com a morte do pai em 1805, todos os irmãos ajudam Mrs. Austen e suas filhas. Em 1806, elas se mudaram para Southampton, perto de onde Frank e Charles serviam na Marinha. Em 1809, mudaram-se novamente, desta vez para Chawton, onde foram abrigadas por Edward em uma pequena casa em sua propriedade. Foi quando Austen revisou e publicou, em 1810, *Sense and Sensibility*, assinado *By a Lady*.

Com o sucesso dessa publicação, a autora revisou *Pride and Prejudice* e o vendeu em novembro de 1812. O romance foi publicado no ano seguinte, em janeiro. Em vida, ela publicou mais duas obras, *Mansfield Park* em 1814 e *Emma* em 1815, a qual foi dedicada ao príncipe regente. Em 1815, Austen começou a escrever *Persuasion* e o terminou em agosto de 1816.

No começo de 1816, a sua saúde começou a declinar, porém ela continuou a trabalhar e o suas condições pioraram rapidamente. Ela começara a escrever um novo projeto intitulado *The Brothers*, porém só conseguiu escrever doze capítulos até que sua doença atingisse um estágio mais sério e ela tivesse que ficar em repouso. Seus irmãos Henry e Cassandra a levaram para Winchester para um tratamento. Porém no dia 18 de julho de 1817, Jane Austen faleceu deixando duas obras inacabadas. Os romances *Persuasion* e *Northanger Abbey* foram publicados posteriormente por seu irmão Henry.

Jane Austen foi sepultada na Catedral de Winchester, e em seu túmulo ela foi identificada somente como a filha do reverendo Austen. Somente mais tarde o seu trabalho como escritora foi destacado.

2.2 Referências literárias

Jane Austen escrevia muitas cartas, a maioria delas para sua irmã Cassandra. Nelas, é possível encontrar várias referências a livros, autores e até mesmo personagens. Isobel Grundy, em seu artigo *Jane Austen and Literary Traditions*, destaca:

> "Her letters teem with every possible kind of reference to books: simple reports of what she or the family is reading; opinions; quotations applied sometimes straightforwardly but more often with multiple layers of irony; boring, joking mention of details from novels in which she treats them just like real life." (GRUNDY, p.189)[1]

Ainda Segundo Grundy, as cartas de Austen frequentemente desmereciam a tradição literária, um costume comum aos escritores da época Augustina, que adoravam fazer referências irônicas a autores canônicos. Seguindo sua análise, os autores da época Augustina com quem Jane Austen mais tinha afinidades era Richardson, Johnson, Cowper e Frances Burney. A romancista não só cita suas obras como os trata com intimidade, como faz em uma carta ao escrever que *"like my dear Dr.Johnson [...] I have dealt more in Notions than Facts"* (L119, 191, *apud* Grundy), fazendo referência a uma passagem de Johnson em sua *Journey to the Western Islands of Scotland*.

Como dito anteriormente, a escritora também fazia referências a personagens em seus escritos. Grundy destaca que *Sir Charles Grandison* de Richardson e *Camilla* de Burney dividem o ranking de aparições nas cartas de Jane, que se identifica com algumas protagonistas, como em *"Like Harriet Byron I ask what am I to do with my gratitude"*. Para a autora, no entanto, há discrepância entre a realidade da personagem e a da escritora.

O tópico sobre Jane Austen como leitora é bastante discutido por Renata Colasante em sua dissertação *A Leitura e os Leitores em Jane Austen*. A autora aborda as preferências literárias de Jane Austen, que, assim como toda sua família, era leitora ávida de vários gêneros. Em uma carta para Cassandra, ela evidencia a predileção por ficção:

> "I have received a very civil note from Mrs. Martin requesting my name as a Subscriber to her Library which opens the 14th of January, & my name, or rather yours is accordingly given. My mother finds the Money.—Mary subscribes too, which I am glad of, but hardly expected.—As an inducement to subscribe Mrs. Martin tells us that her Collection is not to consist only of Novels, but of every kind of Literature &c &c—She might have spared this pretension to our family, who are great Novel-readers & not ashamed of being so;—but it was necessary I suppose to the self consequence of half her Subscribers." (*apud* COLASANTE, p. 8)[2]

---

[1] Suas cartas estão cheias com todos os tipos possíveis de referências: simples relatórios do que ela e sua família estão lendo; opiniões, citações feitas diretamente, mas mais frequentemente com múltiplas camadas de ironia; menções tediosas e jocosas dos romances, que são tratados por ela como na vida real.

[2] "Recebi um bilhete muito educado da Sra. Martin, solicitando meu nome como assinante de sua biblioteca, a qual será inaugurada em 14 de janeiro e o meu nome, ou melhor, o seu, foi devidamente fornecido. Minha mãe conseguiu o dinheiro. Mary também fez uma assinatura, o que me deixa feliz, mas realmente não esperava.

Para Colasante, através das cartas é possível reconhecer que tipo de leitora Jane Austen foi, e depreender como isso se reflete em suas obras. Apesar da perda de várias cartas, que foram queimadas por Cassandra, antes de ela entregar as que sobraram para sua sobrinha, o acervo continua "riquíssimo em depoimentos de leitura", contando com aproximadamente 160 cartas, das quais são poucas as que não possuem comentários sobre livros.

Ainda de acordo com Colasante , Austen demonstrava em suas cartas se apreciava a leitura de uma obra incorporando situações dos livros em seu discurso:

> "To-morrow I shall be just like Camilla in Mr. Dubster's summer-house; for my Lionel will have taken away the ladder by which I came here, or at least by which I intended to get away, and here I must stay till his return. My situation, however, is somewhat preferable to hers, for I am very happy here, though I should be glad to get home by the end of the month." (*apud* COLASANTE, pag.13)[3]

Ela destaca que a maior parte das alusões desse tipo é feita através de referências a três romances de Fanny Burney: *Camilla* (1796), *Evelina* (1778) e *Cecilia* (1782):

> "As referências a *Camilla* são as mais frequentes, como quando a autora se refere a seu irmão numa das cartas a Cassandra, dizendo, "**Our own particular little brother** got a place in the coach last night, and is now, I suppose, in town."22. A alusão é de fato uma brincadeira que ela faz com Cassandra, referindo-se ao capítulo X do Volume III, Livro IV de *Camilla*. No capítulo em questão, Burney emprega demasiadamente a palavra "particular" diante de substantivos. Outro exemplo é quando ela recomenda a sua irmã que não se canse em demasia, através de uma alusão a Miss Beverley, heroína de *Cecilia*, "Take care of your precious self, do not work too hard, remember that Aunt Cassandras are quite as scarce as **Miss Beverleys**."23 Tal uso de citações revela que ambas as irmãs tinham um conhecimento profundo da obra, já que, para que Jane as utilizasse dessa forma, está claro que ela contava que a irmã reconhecesse e compreendesse suas fontes." (COLASANTE, p.14)

Jane Austen também usava seus conhecimentos literários para descrever e comentar sobre pessoas conhecidas da família:

> *"James is the delight of our lives; he is quite an uncle Toby's annuity to us. (...) He has the laudable thirst I fancy for Travelling, which in poor James Selby was so muchreprobated; & part of his disappointment in not going with his Master arose from his wish of seeing* London.24[4]

Como estímulo para assinarmos, a Sra. Martin nos disse que sua coleção não consistirá apenas de romances, mas de todos os tipos de literatura etc&etc. Ela podia ter poupado esse comentário para nossa família, já que somos grandes leitores de romances e não nos envergonhamos disso, mas eu suponho que dizer isso seja necessário para a auto-estima da metade de seus assinantes." (*In* COLASANTE)

[3] "Amanhã eu devo estar exatamente como Camilla na casa de veraneio do Sr. Dubster, pois meu Lionel terá retirado a escada através da qual cheguei aqui, ou pelo menos através da qual eu pretendia escapar, e aqui eu devo permanecer até o seu retorno. Minha situação, contudo, é de algum modo mais desejável que a dela, pois estou feliz aqui, apesar de que ficarei contente em chegar em casa no final do mês." (*In* COLASANTE)

[4] "James é o deleite de nossas vidas. Ele é como uma anuidade do Tio Toby para nós. (...) Ele tem aquela louvável sede por viajar que foi tão repreendida no pobre James Selby e parte do seu desapontamento em não ir com seu senhor surgiu de seu desejo de ver Londres." (*In* COLASANTE)

> Neste trecho, ao elogiar James, um criado da família em Lymes, a autora o faz através de uma figura de linguagem, comparando-o ao que ela chama de uma anuidade do tio Toby, personagem de *Tristram Shandy* (1760-5), de Laurence Sterne. A anuidade, neste caso, não se trata de um valor em dinheiro a ser pago anualmente, mas sim de uma pessoa, Corporal Trim, o criado de Toby, cujo verdadeiro nome era James Butler. A autora continua sua descrição, citando James Selby, o primo de Harriet Byron em Sir Charles Grandison (1753), de Samuel Richardson, o qual tinha o enorme desejo de viajar para o exterior." (COLASANTE, p.15)

Todas essas referências encontradas nas cartas de Jane Austen comprovam a leitora assídua que ela foi, e como os seus romances conseguem transmitir toda a bagagem de leitura que ela possuía. Em todas as suas obras, Austen criou pelo menos um personagem que tivesse a leitura como uma característica, seja como única forma de se destacar das irmãs, no caso de Mary Bennet, seja mostrando sua paixão por autores e obras, como Marianne Dashwood.

3. O Romance Gótico

O romance gótico surgiu no século XVIII com a publicação de *O Castelo de Otranto* de Horace Walpole, em 1764. Outros autores o seguiram, como Ann Radcliffe e Matthew Gregory Lewis. Segundo Burgess, a palavra "gótico" refere-se à arquitetura nascida na Idade Média e recriada na Inglaterra em medos do século XVIII. Segundo o autor, "esse tipo de arquitetura sugeria mistério, romance, revolta contra a ordem clássica, selvageria, através de sua associação com as ruínas medievais - cobertas de heras, assombrada por corujas, banhadas pelo luar, cheia de sombras, misteriosa e assim por diante". (BURGESS, p.193)

A literatura gótica está ligada, principalmente, ao medo. São, igualmente, romances em que a razão é desafiada por alguns acontecimentos sobrenaturais.

3.1. Ann Radcliffe

Ann Radcliffe (1764-1823) foi uma das mais renomadas autoras, no final do século XVII, da chamada Literatura Gótica. Acredita-se que seus primeiros escritos tenham sido feitos enquanto ela frequentava uma escola dirigida pelas escritoras Harriet e Sophia Lee (autora de um romance gótico famoso na época, *The Recess or a Tale of Other Times*, publicado em 1783–85).

Em 1786, Ann Radcliffe casou-se com o jornalista William Radcliffe e, incentivada pelo marido, passou a escrever ficção. Seus romances fizeram bastante sucesso na época, porém a

autora parou de escrever após a publicação de *The Italian* em 1797, romance criado como resposta a Matthew Gregory e seu romance gótico *The Monk*.

Os romances de Radcliffe são conhecidos por sempre apresentarem explicações racionais para os acontecimentos "sobrenaturais". Radcliffe escreveu seis romances, entre os quais, *The Mysteries of Udolpho*, citado diretamente por Jane Austen em uma de suas obras, como será visto a seguir.

3.2. Northanger Abbey

Northanger Abbey foi publicado em 1818, após a morte de Austen, porém foi escrito por volta de 1798. O romance conta a história de Catherine Morland, uma jovem de 17 anos que viaja para Bath com os Allens, amigos da família da moça.

Catherine Morland, assim como outras protagonistas de Austen, tem grande interesse pela leitura. Porém a romancista se utiliza dela para explorar, de maneira irônica, os efeitos que os livros podem trazer quando se tem muita imaginação e não se sabe separar a fantasia da realidade, além dos estereótipos que podem ser estabelecidos através da leitura. Logo no começo do romance o narrador nos informa que Catherine "lia todos aqueles livros que as heroínas devem ler pra abastecerem a memória com aquelas citações tão úteis e tão reconfortantes nas vicissitudes de sua agitada vida." (p. 14) E apesar de ela ter feito todas essas leituras, o narrador coloca que Catherine não tinha uma natureza heroica.

Durante a viagem para Bath, os efeitos da leitura de muitos romances góticos são ironizados quando o narrador afirma que a viagem "transcorreu com a tranquilidade adequada e em segurança, sem incidentes. Nem bandidos nem tempestades os ajudaram, nem ocorreu nenhum infeliz incidente que lhes apresentasse o herói" (p. 19).

A história continua com Catherine chegando a Bath e frequentando os eventos sociais da cidade. Em um baile ela conhece o Sr. Tilney, o "herói" do romance. Mais a frente ela é apresentada a Isabella Thorpe, personagem que lhe apresenta o livro *The Mysteries of Udolpho*, de Radcliffe.

As referências a *Udolpho* são colocadas através da imaginação de Catherine. Ao ser convidada para passar um tempo em Northanger Abbey, a protagonista fica entusiasmada ao poder conhecer uma construção como uma abadia, elemento arquitetônico sempre presente nos romances góticos. Catherine espera encontrar lá todo tipo de mistério que leu no romance de Radcliffe:

> "Ver e explorar as muralhas e as torres de um ou os claustros de outro foram durante muitas semanas seu ardente desejo, embora ser mais do que a visitante de uma só hora parecesse um desejo quase impossível. E, no entanto, iria acontecer, tendo contra si todas as probabilidades, pois podia ser casa, mansão, casa de campo, parque ou chalé, mas aconteceu de Northanger ser uma abadia; e ela seria sua moradora. Seus corredores longos e úmidos, suas celas estreitas e sua capela em ruínas estariam todos os dias ao seu alcance, e ela não conseguia reprimir completamente a esperança de alguma lenda tradicional, algum túmulo terrífico de uma freira ferida e desditosa." (AN, p. 169)

No caminho para a abadia, Henry alimenta ainda mais as expectativas de Catherine. Ao responder sua pergunta se a abadia era mesmo um lugar antigo como descrito nos livros góticos, Henry faz o papel do narrador desse tipo de literatura e descreve os cenários da abadia de maneira com que Catherine, consumidora ávida dos romances góticos, reconhecesse seus elementos. Henry descreve a abadia como sendo um lugar cheio de passagens secretas e corredores sombrios. O quarto de Catherine, segundo ele, era isolado do resto casa, não possuindo fechadura, e lá ela iria encontrar todo o tipo de mobília antiga e misteriosa. Toda essa sequência descritiva mostra um domínio das características dos romances góticos:

> "Ela não sabia se tinha o direito a se sentir surpresa, mas houve algo naquela chegada que certamente não esperara. Pareceu-lhe estranho e incoerente passar entre as guaritas de aspecto moderno, ver-se com tanta facilidade no próprio terreno da Abadia, a percorrer tão rapidamente uma trilha de pedregulhos plana e homogênea, sem obstáculos, sobressaltos ou solenidade de nenhum tipo [...] e até já penetrara no saguão onde sua amiga e o general a aguardavam para lhe dar as boas-vindas, sem ter tido nenhuma terrível antevisão de futuras desgraças para si mesma, nem sequer uma sugestão de cenas de horror perpetradas no passado dentro do solene edifício. [...] Uma Abadia!Era muito agradável para ser mesmo uma Abadia!" (AN, p. 194)

Mesmo após perceber que a descrição da Abadia por Henry não corresponde à realidade, Catherine continua com sua visão criada através da literatura gótica. Ela investiga os móveis de seu quarto, tentando encontrar alguma pista que comprove que a Abadia é sim um lugar que esconde segredos. A desconfiança de Catherine não fica só na abadia e nos móveis, e ela desvia sua atenção para o Coronel Tilney, que com seu comportamento às vezes rude, a faz lembrar um personagem de *Udolpho,* Montoni, e a leva a acreditar que ele mantivesse a esposa presa em algum lugar da abadia ou mesmo que tivesse tido alguma participação em sua morte:

> "Tinha de haver alguma causa mais profunda [...] a probabilidade de que a Sra. Tilney ainda estivesse viva, silenciada por motivos desconhecidos e recebendo das impiedosas mãos do marido um suprimento noturno de ração foi a conclusão que necessariamente se seguiu. [...] O caráter abrupto da suposta doença, a ausência da filha e provavelmente dos demais filhos no momento em que ocorreu, tudo favorecia a hipótese de seu encarceramento." (AN, p. 226)

Tornou-se necessário que Henry a trouxesse à realidade para que Catherine percebesse a grande fantasia que estava criando. Após a chamada de atenção, sobreveio *"*o fim das visões romanescas. Catherine estava completamente desperta. As palavras de Henry, embora breves,

abriram-lhe mais efetivamente os olhos para a extravagância de suas recentes fantasias do que todas as várias decepções". (p. 239)

É certo que o Coronel Tilney não teve participação na morte da esposa, mas Catherine não estava completamente errada ao julgar seu caráter. Ao descobrir que ela não possuía grandes riquezas como acreditava, o Coronel a expulsa de casa, ocasionando que ela fizesse a viagem para casa sozinha. Apesar de usada com exagero, a comparação da personalidade do Coronel Tilney com o estereótipo do vilão conhecido por Catherine através da literatura gótica, serviu para Austen mostrar que não é preciso estar em um romance como *Udolpho* para que existam vilões. Em seu ensaio, *Turns of Speech and Figures of Mind*, Margaret Anne Doody concluí:

> "Catherine, however, is misled by her version to simile into belief that tenor and vehicle are inseparable, even fused, and thus she sets out on the absurd wild-goose chase of discovering General Tilney's murder of his wife. Though exhibiting imagination, she is impeded from further growth by her resistance of the figurative: General Tilney is not seen as *like* Radcliffe's villain, he must *be* 'a Montoni.'" (Doody, p. 170)[5]

4. Reconstruindo o herói

4.1. Richardson

Samuel Richardson (1689-1761) começou seu trabalho como impressor em sua própria editora, construída por ele no início do século. Richardson escreveu vários prefácios e dedicatórias ao longo de sua vida, e seu primeiro trabalho foi o *The Apprentice's Vade Mecum* ou *Young Man's Pocket Companion*, um manual para rapazes que enfatizava as recompensas do trabalho. O impressor gostava de ajudar as mulheres a expressarem seu amor escrevendo, e chegou a escrever um volume com modelos de cartas, que ficou conhecido como *Familiar Letters on Important Occasions*. Inspirado pelo feito, Richardson escreve seu primeiro romance, *Pamela: Or, Virtue Rewarded*, em forma de cartas. O romance narra os ataques contra a honra de uma jovem por um rapaz, instruindo as leitoras como a virtude pode ser recompensadora.

---

[5] "Catherine, no entanto, é seduzida por sua versão para a crença de que ... e veículo são inseparáveis, mesmo fundidos, e por isso ela se lança na absurda caça a fantasmas de descobrir o assassinato da esposa do General Tilney pelo próprio. Apesar de sua imaginação, ela é impedida de prosseguir por sua resistência ao figurativo: o General Tilney não é visto como um vilão de Radcliffe, ele tem que ser 'um Montoni'"

4.2. Fanny Burney

Frances Burney (1752-1840) foi uma romancista e dramaturga inglesa. Seu trabalho contou com quatro romances e oito peças, entre outros. Seu primeiro romance, *Evelina*, foi publicado em 1778, de forma anônima. Ele foi bem recebido e admirado por retratar, de maneira cômica, a alta sociedade da época. Em 1782, Burney publicou *Cecilia*, um romance sobre uma jovem que, para receber a herança do tio, precisa encontrar alguém para se casar. Acredita-se que o título de *Pride and Prejudice* foi retirado de uma frase final de *Cecilia*: "The whole of this unfortunate business, Said Dr. Lyster, has been the result of pride and prejudice".

4.3. Orgulho e Preconceito

Um aspecto que chama a atenção em *Orgulho e Preconceito* é a mudança radical de Mr. Darcy, de um jovem arrogante para o cavalheiro com quem Elizabeth se casa, considerada *"too great and too abrupt"*[6] (pag. 491) para ser real. Alguns críticos mostram que algumas falas de Mr. Darcy podem ser interpretadas de diversas maneiras, e que a nossa opinião sobre ele é formada a partir do ponto de vista da protagonista. Contudo, segundo o autor, fica difícil não ter essa primeira impressão ruim do personagem ao lermos a maneira com que Darcy foi grosseiro ao se referir à Lizzie no baile em que eles se conhecem. Em sua pesquisa, Moler pretende mostrar que Mr. Darcy apresenta muitas características de outros personagens criados no século XVIII por Richardson e Fanny Burney.

Figuras de autoridade estão presentes em muitos romances dos séculos XVIII e XIX. Há um jovem cuja relação de dependência com um patriarca funciona como uma metáfora entre a relação da ordem social dos dois. É o caso do romance de Richardson, *Sir Charles Grandison*, que mostra *"the relationship [...] between a young man of rank and fortune and a girl who is naturally good but socially inferior performs a similar function"*[7] (p. 492). Charles Grandison, protagonista do romance, é descrito por Richardson como um "aristocrata perfeito". Em sua conclusão do romance o autor admite que a falta de falhas em seu

---

[6] "muito boa e muito abrupta".

[7] "a relação [...] entre um jovem com uma posição social e fortuna e uma jovem que é naturalmente boa, mas socialmente inferior, representa a mesma função".

personagem o torna passível de censuras, como a feita por Austen, que afirmou que *"pictures of perfection make me sick and wicked"*[8] (p. 493). Durante o romance, Charles ajuda diversos outros personagens, seja livrando a irmã de um casamento ruim e lhe arranjando outro melhor, seja aconselhando vários familiares e amigos ao mesmo tempo. A protagonista do romance, Miss Byron, vê Charles como seu "mentor". Quando ela é pedida em casamento por ele, demonstra uma enorme gratidão.

Segundo Moler, essa "perfeição" do protagonista faz com que os leitores do romance reajam desfavoravelmente a ele. Uns vão achá-lo (Charles) com ar de superior e arrogante, ao invés de nobre e generoso, e outros vão dizer que suas atitudes não condizem com seu nascimento.

Todos os romances de Burney, por sua vez, tratam de assuntos similares ao do de Richardson: a relação entre um jovem bem-nascido e uma moça socialmente inferior. Porém, segundo o autor, o romance *Cecilia* é o que mais frequentemente é apontado como inspiração para *Orgulho e Preconceito*. Muitos críticos dizem que *Orgulho e Preconceito* é uma reescrita realística de *Cecilia*. Moler aponta algumas semelhanças entre os dois romances, como o primeiro pedido de casamento de Darcy e o pedido do herói de *Cecilia* para a personagem. Contudo, *Orgulho e Preconceito* também apresenta semelhanças com outro romance de Burney, *Evelina*. As duas protagonistas, Elizabeth e Evelina, têm em comum o fato de serem socialmente inferiores aos seus "heróis", e de sofrerem com a vulgaridade de alguns de seus familiares, demonstrada na frente de seus pares. Para o autor, Austen não só reescreve *Cecilia*, mas "manipula" os personagens e as situações para que eles sejam familiares aos leitores de Richardson e Burney. Moler usa, porém, *Evelina* para ilustrar como o "nobre herói" de Burney é Sir Charles. Ele é a personificação da perfeição, bem-nascido, rico, sábio e bom. Evelina, assim como Miss Byron, apaixona-se ao primeiro contato, mas, ciente de sua inferioridade, conforma-se com a relação de mentor e protegida. Quando ele a pede em casamento, Evelina fica encantada e muito agradecida com a proposta.

Esse formato de escrita foi seguido por vários autores da época. Havia um "homem perfeito" e uma moça que o idolatrava. De acordo com Moler, Austen deveria estar cansada desses heróis perfeitos e das jovens submissas a eles, tanto que em seu esboço, *Jack and Alice*, a escritora ridiculariza o "nobre herói". A arrogância que os leitores atribuem a Sir Charles e a Orville torna-se a essência de Charles Adams (personagem presente apenas no esboço, sem equivalente em *Pride and Prejudice*), que assume e apresenta suas "qualidades"

[8] "retratos de perfeição me deixam doente e má".

ele mesmo. Diferentemente dos outros romances, esse *Patrician Hero* tem, não uma, mas duas jovens devotadas a ele. Lucy mora na vizinhança onde está a propriedade de Charles. Ela o pede em casamento e recebe *"an angry and peremptory refusal"*[9]. Alice Johnson, a outra jovem, por intermédio de seu pai também faz uma proposta a Charles. O pai recebe como resposta que ela não era suficientemente bonita, amável, graciosa nem suficientemente rica para ele. E prossegue: *"I expect nothing more in my wife than my wife will find in me – Perfection"*[10] (p. 498). Para Moler, *Jack and Alice* não é a única crítica ao *Patrician Hero*. Existe um pouco de Charles Adams em Mr. Darcy.

Darcy não é a figura da perfeição, mas é descrito por Austen como *"a fine, tall person, handsome features, noble mien... and ten Thousand a year"*[11] (p. 499). Segundo o autor, porém, Darcy é Charles Adams em espírito:

> It is his exaggerated conception of importance of his advantages, his supercilious determination "to think well of myself, and meanly of other" who are not so fortunate that causes him at times to sound very much like a caricature of the Burney-Richardson hero. (MOLER, p. 499)[12]

Para Moler, existem duas cenas em que Darcy é uma caricatura de Lord Orville. A primeira é a do baile em que o "Patrician Hero" conversa com um amigo sobre a protagonista. Orville descreve Evelina como *"a pretty modest-looking girl"* e *"a poor weak girl"*, enquanto Darcy afirma que Elizabeth é *"tolerable; but not handsome enough to tempt me"*.[13]

Consideremos os seguintes trechos dos dois romances:

> "Why, my Lord, what have you done with your lovely partner?"
> "Nothing!" answered Lord Orville, with a smile and a shrug.
> "By Jove," cried the man, she is the most beautiful creature I ever saw in my life!"
> Lord Orville…laughed, but answered, "Yes; a pretty modest-looking girl."
> "A silent one," returned he.
> "Why ay, my Lord, how stands she as to that? She looks all intelligence and expression."
> "A poor weak girl!" answered Lord Orville, shaking his head. (*Evelina*, I, Letter XII, p.42, *apud* Moler)[14]

---

[9] "uma recusa nervosa e decidida".
[10] "Eu espero em minha mulher nada mais do que ela vai encontrar em mim – perfeição."
[11] "uma pessoa bela, alta, bonitas feições, semblante nobre... e dez mil por ano."
[12] É a concepção exagerada da importância de suas vantagens, sua determinação em "pensar bem de mim mesmo, e mal dos outros" que não são tão afortunados que o faz por vezes soar como a caricatura do herói de Burney e Richardson.
[13] "Tolerável, mas não bonita o suficiente para me tentar".
[14] "Por que, meu senhor, o que você fez com sua aadorável parceira:"
"Nada! Respondeu Lord Orville, com um sorriso e um dar de ombros.
"Por Deus," exclamou o homem, "ela é a criatura mais bonita que eu já vi na vida!"
Lord Orville riu, mas respondeu, "Sim, uma moça de aparência modesta."
"Uma silenciosa", ele replicou.
"Uma pobre garota frágil!" respondeu Lors Orville, balançando a cabeça.

> "- Venha, Darcy - disse ele -, você precisa dançar. Incomoda-me vê-lo aí sozinho, de um modo tão estúpido. Seria muito melhor que você dançasse.
> - Por coisa alguma deste mundo; bem sabe como eu detesto dançar, a não ser conhecendo intimamente o meu par. Numa festa como esta seria insuportável. Suas irmãs estão ocupadas e não existe outra mulher na sala com quem eu dançaria sem sacrifício.
> - Jamais eu seria tão exigente - exclamou Bingley; - palavra de honra, eu nunca encontrei tantas moças interessantes na minha vida... E você está vendo que algumas são excepcionalmente belas!
> - Você está dançando com a única moça realmente bonita que existe nesta sala - disse Mr. Darcy, olhando para a mais velha das irmãs Bennet.
> - Oh, ela é a mais bela moça que já vi na minha vida, mas bem atrás de você está uma das suas irmãs, que é muito bonita e agradável. Deixe-me pedir ao meu par que o apresente a ela?
> - Qual? -- perguntou ele, voltando-se e detendo um momento a vista em Elizabeth até que, encontrando-lhe os olhos, desviou os seus e disse, friamente:
> - É tolerável, mas não tem beleza suficiente para tentar-me. Não estou disposto agora a dar atenção a moças que são desprezadas pelos outros homens. É melhor você voltar ao seu par e se deliciar com os sorrisos dela, pois está perdendo tempo comigo." (OP, p.10)

A segunda cena ocorre em outro baile em que uma terceira pessoa tenta fazê-los dançar com as respectivas moças. Os dois estão dispostos a aceitar, mas são rejeitados pelas jovens:

> – he suddenly seized my hand, saying, "think, my Lord, what must be my reluctance to resign this fair hand to your Lordship!"
>
> In the same instant, Lord Orville took it of him; I coloured violently, and made an effort to recover it. "You do me too much honour, Sir," cried he, (with an air of gallantry, pressing it to his lips before he let it go) "however, I shall be happy to profit by it, if this lady," (turning to Mrs. Mirvan) "will permit me to seek for her party."
>
> To compel him thus to dance, I could not endure, and eagerly called out, "By no means, – not for the world! – I must beg –"[15] (Evelina, I, Letter XIII, p.57, *apud* Moler)

> - Minha cara Eliza, por que não está dançando? Mr. Darcy, permita-me apresentar-lhe esta jovem como um par bastante desejável. O senhor, estou certo, não poderá se recusar a dançar, quando se encontra ante tão grande beleza.
> E, tomando a mão de Elizabeth, Sir William a teria dado a Mr. Darcy, que embora extremamente surpreso não se teria recusado a aceitá-la, quando a moça recuou subitamente e disse, um pouco bruscamente, para Sir William:
> - Sir William, não tenho a menor intenção de dançar. Suplico-lhe que não suponha que me dirigi para este lado a fim de arranjar um par.
> Mr. Darcy, com grande amabilidade, pediu-lhe que lhe concedesse a honra da sua mão; pediu em vão. Elizabeth estava decidida; Sir William tampouco conseguiu abalar a sua decisão com a tentativa de persuadi-la:

---

[15] - ele de repente segurou minha mão, dizendo, "pense, meu senhor, o que poderia ser minha relutância em entregar essa bela mão para a senhoria!".

No mesmo instante, Lord Orville pegou a minha mão da dele; eu ruborizei violentamente, e fiz um esforço para retirá-la. "Você me oferece uma grande honra, senhor", exclamou ele, (com um ar de galanteria, beijando-a antes de libertá-la) "entretanto, eu ficarei feliz em aceitá-la, se essa senhorita", (voltando-se para a Srta. Mirvan) "me permitir procurá-la depois".

Obrigá-lo assim a esta dança, eu não poderia suportar, e avidamente exclamei, "Não é preciso, de maneira nenhuma, eu insisto".

> - A senhorita dança tão bem, Miss Eliza, que seria cruel negar-me a felicidade de apreciá-la; e embora esse *gentleman* de modo geral não aprecie esse divertimento, não fará nenhuma objeção, estou certo.
> - Mr. Darcy é muito amável - disse Elizabeth, sorrindo. (OP, p.27)

Para Moler, Jane Austen "ceases to laugh at the words of Richardson and Fanny Burney and even imitates them rather obviously"[16] (p. 506). Em Pemberley, o comportamento gentil de Darcy faz lembrar o de Sir Charles Grandison e o de Lord Orville. A descrição de Pemberley também é semelhante com a propriedade de Sir Charles.

> "[...] large and conveniente house, situaded in a spacious park; which has several fine avenues leading to it.
> On the north side of the park flows a winding stream, that may well be called a river, abounding with trout and other fish; the current quickened by a noble cascade, which tumbles down its foaming waters from a rock, which continued to some extent, in a ledge of rock-work, rudely disposed.
> The park is remarkable for its prospects, lawns, and rich-appearing clumps of trees of large growth."[17] (XX. 30 Grandison, VII, Letter VI, apud Moler)

> Era um grande e belo edifício, situado na encosta de uma colina, por detrás da qual se elevava uma outra série de belas colinas arborizadas. Defronte da casa, corria um riacho de tamanho regular que, represado, formava um pequeno lago. As suas margens não tinham sido adornadas pela mão do homem. Elizabeth ficou encantada. Nunca vira um lugar tão bem dotado pela natureza. (OP, p.261)

Assim como Harriet, Elizabeth é conduzida em um tour na casa do protagonista. As duas ouvem boas coisas sobre eles das governantas.

Orgulho e Preconceito é, de várias maneiras, uma reflexão irônica dos heróis de Richardson e Burney. Moler aponta mais algumas relações entre outros personagens dos romances: Lady Catherine de Bourgh e Mrs Delvile, Mr. Bingley e os amigos de Charles Grandison, Miss Bingley assumindo o papel da jovem devotada.

No começo do romance, Lady Catherine, Mr. Bingley e Miss Bingley são versões exageradas e distorcidas de seus protótipos. Lizzie é o oposto das heroínas Burney-Richardson, e Darcy é uma caricatura do *Patrician Hero*.

Conforme o autor vem afirmando no decorrer da pesquisa, *Orgulho e Preconceito* não é uma simples cópia dos antecessores de Austen. Segundo ele, *"it is, in part at least, an attack on Richardson and Fanny Burney and their patrician heroes*[18]*"*. (p. 505)

---

[16] "parece rir das palavras de Richardson e Burney e até imitá-las um tanto obviamente".

[17] "casa grande e conveniente, situada num espaçoso jardim; que possui muitas avenidas que levavam a ele. Do lado norte do jardim segue uma corrente de água, o que bem poderia ser chamado de rio, cheio de trutas e outros peixes; a corrente é acelerada por uma nobre cascata, que derrama suas águas fazendo espumas sobre a pedra, e continua por uma extensão [...] Esse jardim é extraordinário por suas vistas, gramados, pequenas moitas e grandes árvores".

5. Outros Autores Relevantes

- Cowper

William Cowper (1731-1800) foi um poeta inglês bastante popular em seu tempo. Ficou reconhecido por escrever sobre o cotidiano e "emancipar-se totalmente do domínio do dístico e da dicção poética convencional". (BURGESS, p.178) Ele aparece nos romances de Jane Austen "loved by Marianne and soberly by Fanny Price, and quoted by Mr.Knightley"[19]. (GRUNDY, p.198)

- Johnson

Samuel Johnson (1707-1784) foi um famoso pensador e escritor inglês que contribui bastante para a literatura inglesa com seu *Dicionário da Língua Inglesa*, 1755.

Quando escreve, Austen relaciona Cowper com a vida doméstica, rural e Johnson com a vida social na cidade. Grundy afirma que também há uma oposição entre Cowper e Johnson refletida no romance *Sense and Sensibility* "between Elinor's Johnsonian attempts to combat grief and depression through mental activity, and Marianne's Cowperesque savouring of melancholy. Fanny Price unites Johnson and Cowper, sense and sensibility."[20] (p. 199)

- Fielding

Considerado por Burgess como o maior romancista do século, Henry Fielding (1705-1754) é conhecido por suas sátiras e por sua ironia. Começou no romance escrevendo uma sátira de *Pamela*, de Richardson. O romance seguinte, *Joseph Andrews*, também se iniciou como uma paródia, porém tornou-se um romance em sues próprios termos. Sua mais famosa obra é *Tom Jones*, que "traz uma rica variedade de personagens, contém certas observações morais perspicazes e tem uma filosofia aceitável". (BURGESS, p.189)

---

[18] "é, em parte pelo menos, um ataque a Richardson e a Fanny Burney e aos seus nobres heróis".

[19] "amado por Marianne e sobriamente por Fanny Price, e citado por Mr. Knightley".

[20] "entre o jeito Johnson de ser de Elinor, lidadndo com a aflição e a depressão através da atividade mental, e o jeito Cowper de ser de Marianne, mostrando sinais de melancolia. Fanny Price une os dois, Johnson e Cowper, razão e sensibilidade".

6. Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi analisar como as leituras de Jane Austen influenciaram na sua escrita. Através desta pesquisa, foram analisados alguns trechos de cartas que evidenciaram quais eram os escritores mais apreciados por Austen e como ela fazia uso de referências a alguns livros em sua vida pessoal. Foi visto também como Austen transformou seu conhecimento em literatura gótica numa releitura ironizada das situações desse tipo de romance e criou sua obra *Northanger Abbey*, trazendo a protagonista Catherine Morland como uma consumidora de romances góticos, que mistura a ficção com a realidade. Em *Pride and Prejudice* tem-se a satirização do herói perfeito retratado nos romances de Richardson e Burney, com a criação de Mr. Darcy, um protagonista com defeitos e de uma heroína que não o vê com bons olhos.

O acervo de leitura de Jane Austen é bastante extenso, conforme se pôde comprovar através do conteúdo de suas cartas. Vários outros autores foram citados por ela, seja em referencias às obras em si ou a personagens, seja citando diretamente escritores e trechos de seus livros em seus romances. Ainda há muito material a ser pesquisado sobre isso.

Jane Austen foi, como muitos afirmam, uma escritora a frente de seu tempo. A autora conseguiu, de maneira brilhante, fazer com que a leitura da sociedade daquela época fosse também reconhecida nos dias de hoje. Com a finalização da pesquisa pôde-se conhecer um pouco do que inspirou Jane Austen na criação de seus romances.

7. Referências Bibliográficas

AUSTEN, Jane. **A Abadia de Northanger**. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2012.

_____. **Orgulho e Preconceito.** Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2010.

BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. Tradução Duda Machado. São Paulo: Editora Ática, 2002.

COLASANTE, Renata. **A Leitura e os Leitores em Jane Austen**. 2005. (Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) – Universidade de São Paulo, São Paulo-SP.

DOODY, Margaret Anne. **Turns of Speech and Figures of Mind**. In: JOHNSON, Claudia L.; TUITE, Clara (Ed.). A companion to Jane Austen. Chichester: Wiley-Blackwell, 2012, p. 165-184.

GRUNDY, Isobel. **Jane Austen and literary traditions.** *In*: COPELAND, Edward e McMASTER, Juliet (orgs). *The Cambridge Companion to Jane Austen*. Cambridge: Cambridge UP, 1997, p. 189-210.

MOLER, Kenneth L. **Pride and Prejudice: Jane Austen's "Patrician Hero"**. *In*: Studies in English Literature, 1500-1900 Vol. 7, No. 3, Restoration and Eighteenth Century (Summer, 1967), p. 491-508.

STABLER, Jane**. Literary Influences**. *In*: TODD, Janet (Ed.) Jane Austen in context. Cambridge: Cambridge UP, 2005, p. 41-50.

http://www.pemberley.com/janeinfo/janelife.html Visita em 13 de Junho de 2016.

http://www.janeausten.org/jane-austen-biography.asp. Visita em 09 de Junho de 2016.

http://escritorasinglesas.com/frances-burney/ Visita em 13 de Junho de 2016

http://escritorasinglesas.com/ann-radcliffe/ Visita em 13 de Junho de 2016